

Vitrines de vinis com morada coimbrã

De Arctic Monkeys à música portuguesa, lojistas conimbricenses compartilham cenário de venda de música em formato analógico. Cansaço da “desmaterialização da música” e “beleza do ritual” justificam maior procura por parte dos jovens.

POR ARTHUR COSTA

No decorrer dos anos, Coimbra “ficou órfã” de comércio onde discos e CDs fossem o foco de vendas. No entanto, hoje a cidade possui lojas que abraçam a música em formato físico como o seu principal produto, pessoal e virtualmente.

Rui Ferreira, proprietário da Lucky Lux Store, refere que o acúmulo de experiências com a editora Lux Records, fundada pelo mesmo em 1995, e a sua atuação em algumas lojas culminaram na abertura da sua própria, em abril de 2017. No início, trabalhava somente com discos de segunda mão, realidade que testemunhou mudanças durante quase uma década. Hoje, além de vender discos novos, vende também cassetes, livros de músicas e outros produtos no comércio situado próximo à Portagem.

Também na cidade dos estudantes, a Sound & Fiction funciona em formato digital desde novembro de 2022. José Miguel Fernandes, proprietário da loja, refere que a abertura do comércio foi consequência do colecionismo de discos e do apoio da sua companheira, que também tem um “forte apreço pela música”. Além de discos de vinil e CDs, vestimentas e

outros itens encontram-se no catálogo da plataforma.

José Miguel Fernandes evidencia que ter uma loja em formato digital dificulta a identificação de um perfil mais assíduo dos clientes. Contudo, refere que a maior parte dos compradores estão nas cidades de Lisboa e do Porto. O proprietário da Sound & Fiction comenta a fraca venda para outros países, justificada pelo preço dos portes de envio. Já Rui Ferreira aponta os clientes mais assíduos como os próprios colecionadores de discos em Coimbra. Além dos moradores da cidade, o dono da Lucky Lux Store destaca pessoas que vêm de férias e procuram o local para adquirir novos volumes: “os melhores meses de venda são sempre julho e agosto”, revela.

Apesar da diferença entre os consumidores de cada loja, ambos evidenciam o crescimento da procura por parte dos jovens. O cansaço da desmaterialização da música, a curiosidade e a beleza do ritual são alguns dos motivos para a maior procura entre os mais novos. Rui Ferreira sublinha que os formatos físicos “são mais apelativos”, à medida que cita o acréscimo de informação nos mesmos, como

os responsáveis pela produção ou pela fotografia: “É uma série de informações que geralmente se perdem no formato digital”. Dentro destes rituais, elucida a necessidade de fazer escolhas ao entrar numa loja: “Se tens cinquenta euros e milhares de discos à disposição, tens de escolher. Se pagas o ‘premium’ de uma plataforma digital, tens acesso a todo o conteúdo”. Com isto, sublinha que, através da compra de um disco, o consumidor atribui “um maior valor à música”.

O proprietário da Sound & Fiction aponta os géneros pop e rock como os mais vendidos na sua loja, seguidos pelos discos de jazz. Refere que os álbuns mais vendidos são o “Grace”, de Jeff Buckley e, assim como Rui Ferreira, o “AM” dos Arctic Monkeys. A música portuguesa (com ênfase nos discos gravados na Lux Records), os clássicos dos anos 80 e 90 são os mais procurados na Lucky Lux Store. Acrescenta ainda que o aumento do consumo dos mais novos mudou algumas dinâmicas na loja. Justifica ao ilustrar a procura por discos de hip-hop, “hábito que não era comum há uns anos”, e também a presença de cantores nos grandes meios de comunicação: “Depois da

música de Kate Bush ter tocado em Stranger Things, os discos passaram a vender-se muito rápido”. Rui Ferreira acrescenta ainda “Back to Black”, de Amy Winehouse, “Rumours”, dos Fleetwood Mac e “Madvillainy” de MF DOOM e Madlib como alguns dos campeões de vendas. Conclui a lista com “The Miseducation of Lauryn Hill”, da artista homónima, e “The Score”, dos Fugees. Apesar de entender que há artistas que vendem mais, o proprietário confessa não optar pela compra de muitas unidades dos que não o agradam: “No fundo, a tua loja reflete um pouco o gosto musical”, aponta.

Hoje, em espaço físico, a Lucky Lux é a única loja em Coimbra com ênfase na venda de discos. Os custos para manter o comércio bem como a percepção de que “o negócio não é tão lucrativo comparado a outros” são alguns dos motivos para não haver tantos estabelecimentos na cidade. Apesar da Lucky Lux ter ganhado “novos clientes e entrado na rota de quem coleciona”, Rui Ferreira sublinha que o mercado da música “não é um negócio de milhões”. José Miguel Fernandes continua sem considerar viável abrir um lugar físico, apesar do sonho de ter uma loja de discos. O proprietário da Sound & Fiction vê o negócio como “arriscado”, principalmente se não houver outros produtos associados, algo que já exerce no seu site.

“É uma experiência diferente, parece que estamos ali, dentro da orquestra”, relata José Miguel Fernandes sobre o consumo de música em formato físico. Dentre as razões para manter ativa a audição em analógico, o proprietário da Lucky Lux refere que “um disco vai sempre valer algo”, valorizando ou não, o que não se verifica com um download nas plataformas digitais, pontua. Rui Ferreira assinala ainda o desejo de que as pessoas percebam o problema de ter o seu gosto moldado por algoritmos, “por isso a importância do contacto com lojas de discos”.

Fotografia por Cátia Pinho

